

O Gaiato

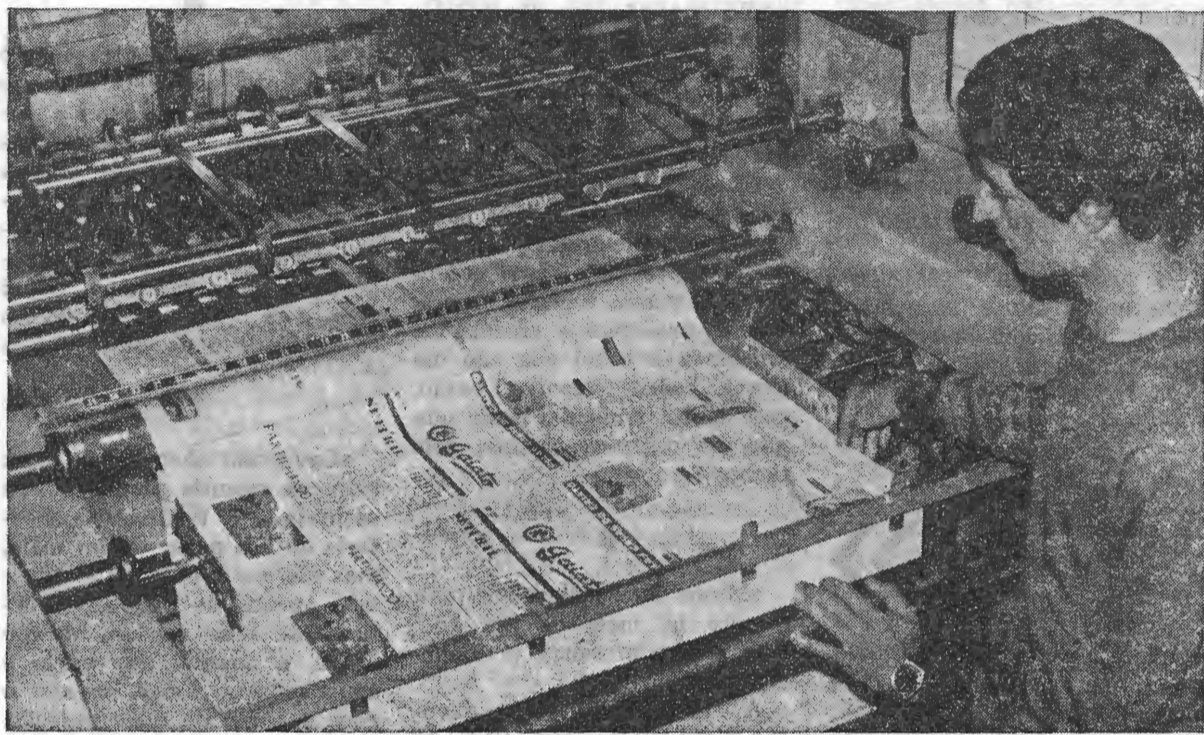
Quinzenário * 3 de Março de 1984 * Ano XLI — N.º 1043 — Preço 7\$50

PORTE PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



LUME VIVO

«Não esqueça que o nosso O GAIATO faz 40 anos no dia 5 de Março:» — disse-me o Júlio Mendes. «Parece que foi ontem!» — acrescenta, saudoso e feliz, pensando e mostrando nos olhos a caminhada luminosa.

Parabéns, querido!

É bem um Lume vivo que incendiou tantas almas e as conduziu ao Senhor e aos Pobres.

Escrevemos esta nota junto da casa da mata, onde tantas vezes Pai Américo escreveu O GAIATO. Ela fica no meio da quinta, perto da mata de eucaliptos e pinheiros. Vê-se daqui a Aldeia toda: Capela e escolas, casas e oficinas, campo de jogos, fonte de S. João e os belos muros de socalcos. Ouvem-se os rapazes e os pássaros.

Neste instante, sinto bem presentes todos os passos de Pai Américo: Os seus sonhos; suas meditações profundas diante do Senhor; a sua ansiedade na saída do primeiro jornal; e a expectativa no primeiro dia do jornal na rua, pelos gaiatos, primeiros vendedores. Foram eles, com suas virtudes e defeitos, os transportadores do Lume — que não mais apagou. Ai estão, nas páginas interiores, os testemunhos dos nossos Leitores — a dizerem-nos que a chama está viva nos seus corações.

Que seria de nós — padres,

senhoras e rapazes — se tu apagassem o Lume com água fria? Ao contrário, tu, caro Leitor, o alimentas.

Ainda, hoje, no correio, este atear das achas: «O vosso (nosso) O GAIATO é uma Bíblia cuja leitura revolve e faz pensar. A doutrina penetra como espada afiada e, se faz doer, também estimula a vontade a fazer algo de bom».

E estroutro: «O nosso jornal é o toque de alarme, a chamada de atenção, o bater devagarinho à porta do coração. Quando não posso lê-lo, logo que chega, é uma ansiedade; mas depois é o conforto e a paz».

É o vaivém. Dar e receber. Mergulhados todos nos ensinamentos e espírito do Senhor.

Pai Américo reconheceu-O em todos os seus passos e Ele aplanou os seus caminhos».

Mergulho profundo... até onde não chegam a luz do sol, a força dos cavalos e os conceitos comuns.

Foi assim pela fé.

Pelo amor aos mais abandonados.

Pelo amor e prática da pobreza.

E renúncia de si mesmo.

Este o caminho certo e necessário, herança que nos ficou para que a Obra da Rua não seja, somente, a multidão de rapazes, o conjunto de Casas, os padres da Obra, as se-

Cont. na 4.ª página

FAZ AGORA 40 ANOS...

... que O GAIATO saíu de casa com a cesta no braço e de mangas arregaçadas começou a semear. Nem toda — alguma ficou pelos caminhos — mas a maior parte da semente caiu em bom terreno e tem frutificado: O maltrapilho das ruas já não é um desconhecido, como antes fora. Nem nós somos hoje, para ele, como antes éramos, uma raça abominada. A semente caiu nas almas. Saíu a tempo o semeador!

De uma vez chegou-nos um garoto, já muito adiantado na escola da rua. Dormia ao relento nas areias de certo rio que banha certa cidade; e quando chegava o Inverno mudava de «casa»: era debaixo do beiral de um casarão pombalino.

Estas são as infelizes crianças que fazem uma pátria desditosa! Estrelas apagadas em trajetória de crimes e de doenças, até caírem na vala comum!

Nunca mostrou este garoto a beleza dos seus olhos, de tanto olhar para o chão quando se lhe falava! Um dia, chamei-o e disse-lhe:

— Olha que eu mando-te para a Tutoria!

— Mande-me para onde você quiser...

E o pequenino rufia virou costas malcriadamente, sem se magoar nem dar fé que magoava. Eu pertencia à tal «raça abominável»; ele era da «fauna desconhecida».

(...) Indigitado para ir trabalhar nas oficinas do Peixoto Alves, perguntei-lhe:

— Quando te apresentas?

— Eu quero ir pela sua mão!

Saíu em bom tempo o semeador! A doutrina de O GAIATO tem aproximado os homens!

Começa-se agora a amar!

Um tudo-nadinha irreverente — como sempre tem sido — O GAIATO foge à ortodoxia social; não vai buscar gente de fora para fazer a festa. O artigo de fundo que deveria ser, no dia de hoje, encomendado a um «senhor doutor», é escrito por um deles, para

Cont. na 4.ª página

De regresso a casa, após uma tarde cheia de recados na vila, mal transponho o portão verde, dou com três viaturas estacionadas junto ao cruzeiro aguardando a minha chegada.

O sol cai no ocaso. Pensava eu que ia começar o repouso das fadigas do dia, mas não. Mais trabalhos me esperam!

Aqui é uma ambulância. Dentro um doente de hospital central, que ali tem estado vai em dois anos, com sequelas acentuadas duma trombose cerebral e sem familiares que o aceitem. Um homem paralisado, falando com dificuldade, não é naturalmente convívio sadio para os do sangue.

Ào lado da ambulância cinzenta, comó muitas vidas que tem conhecido, outro homem

Calvário

ainda muito jovem, em cadeira de rodas. A assistente social que o acompanha, anda há um ano a telefonar. Ele está no mesmo hospital do doente anterior, sofrendo as consequências dum acidente de trabalho. Os familiares também aqui não aparecem. Ele é solteiro. Já não tem pais. A assistente social não achando modo de me convencer pelo telefone, vem por aí fora com ele — para ver se não resisto. Às vezes, é preciso

arranjar muita força para resistir e dizer não, para que o Calvário não venha a tornar-se um armazém, de doentes.

A segunda viatura traz um rapaz de catorze anos. A comitiva diz que o pai faleceu e a mãe abandonou os filhos todos depois da morte do marido. Os outros vamos encaminhá-los — dizem-me — porque mais fáceis. Mas este, porque muito atrasado, terá de ficar aqui: não vemos outro local. O argu-

mento é a presença do rapaz.

O terceiro carro vem de longe, de Trás-os-Montes. O condutor sai ofegante do veículo e apresenta-me mais um drama. Se as nossas carvalhas seculares falassem, tinham tanta história para contar das muitas que têm ouvido! Uma rapariga de trinta anos fica órfã de pais. Por ser atrasada mental, sem possibilidade de autonomia,

Cont. na 4.ª página

COLABORAÇÃO

N. da R. — Estas páginas são uma pequenina gota no oceano de correspondência que recebemos diariamente!

Impossível fazer escolha, além da natural sistematização gráfica; normalmente, todas as cartas contêm Mensagem, explícita ou implícita, mais ou menos profunda, sempre actual. De facto, «O GAIATO não é um jornal de notícias; é um factor de conversão — por força do Espírito que soprou em Pai Américo».

Aí temos uma pequenina proclamação de Anónimos, exactamente para que os nomes, os títulos — de licenciado(a) a «mulher a dias» — não ofusquem o cintilar das almas, a inquietação, os desabaços, as sugestões, os hinos, os pesares, a doutrina para um Mundo Melhor. Desde aquele ou aquela que — após muitos anos de leitura — só agora principiam a compreender O GAIATO, até aqueles outros que, motivados por esta comunicação regular, já partilham (no seu meio) o amor aos Pobres.

O GAIATO não é estático, limitado a capelinhas mais ou menos veneráveis. Ele é do Evangelho; e a sua Bandeira e Mensagem — o Santíssimo Nome de Jesus — abarcam todo o Universo, todos os homens, sobretudo os Pobres — predilectos de Jesus.

por repartirdes a riqueza das almas. Afinal temos sempre algo para dar!»

«É a vós, gaiatos, que dirijo as minhas saudações repassadas de ternura e ao mesmo tempo de incentivo para que prossigais sempre no caminho do dever, do respeito e amor pelos vossos superiores a quem tudo deveis.

Se assim procederdes e crescerdes sempre debaixo desse tecto de amor, amanhã tereis a certeza que sereis sempre, em qualquer parte, homens dignos, de que o nosso País tanto precisa.

O vosso jornal O GAIATO é uma meditação e uma escola de virtudes. Pena é que ainda haja muitas pessoas que o des-

ro ordenado de uma filha nossa, que, com muito carinho, envia para o que for preciso.

E quero também contar uma história:

Quando entrei para vossa assilante era uma rapariguita nova; mas como o meu nome é esquisito, quando recebi o primeiro número do jornal, vinha destinado ao Ex.º Sr... Achei muita graça e mandei pedir que não me chamassem Ex.º Sr., pois eu era uma rapariguita.

Daí em diante passei a ser «menina» — que aceitei de bom grado.

Claro, a rapariguita cresceu, casou e fez-se velha, como manda o Senhor. Nunca alterou o nome para não fazer confusões nos vossos registos. Agora, porém, passaram a chamar-me «menino» e achei que não me ficava bem... Resolvo, então, com muita amizade, pedir que não me chamem menina, pois tenho 66 anos!»

«Para mim, neste mundo de crueldade, receber o vosso jornal é uma mensagem de amor, é uma alegria, é um estímulo de vida.

Espero que a vossa palavra e o vosso amor pelos Outros irradie ao ponto de contagiar todo o Mundo para que não pensem só em trações e guerras.»

«Ao ler O GAIATO faço-o com muito gosto. O que me causa mais tristeza é ver a maneira como certas crianças são abandonadas! Na última quinzena causou-me muita tristeza o «Retalhos de vida», talvez porque eu também fui abandonada pelo marido e fiquei com dois filhos, mas não os trocava por nada desta vida!»

«Envio um cheque com uma pequena quantia para a minha assinatura de O GAIATO. Gostaria de vos poder enviar mais, mas não me é possível — vivemos apenas do pequeno ordenado de meu marido. Mesmo assim, a quantia que envio é amealhada ao longo do ano e com a ajuda de duas pessoas: Uma, por intenção do marido de uma delas, falecido; outra, pela conversão de seus dois filhos ainda jovens.

Para eles peço uma Avé-Maria e também para meu filho que está no Seminário e muito gostaria de ver sacerdote.»

«O Famoso continua a dar-nos o Evangelho que Cristo nos veio anunciar.

Neste tempo de Penitência e Redenção, elevemos nossos corações para o Alto. A vós, que n'Ele pusestes todo o vosso amor, confio uma prece por todos nós — que também queremos acreditar mais.»

«As palavras de O GAIATO — por vezes de uma realidade tão triste e cruel! — entram no meu espírito, sacodem-me e levam-me também a procurar fazer um pouco de caridade.

Pena é que O GAIATO não entre na casa de todos os portugueses — e todos os dias. Assim, neste mundo de egoísmo teríamos um luzeiro a guiar-nos.»

«Sou um aposentado e, por isso, é diminuta a minha oferta, mas de maior valor espiritual pela admiração que eu e minha mulher temos e sentimos, desde há muitos anos, pela Obra de Pai Américo e pelo nosso gran-

O «FAMOSO»

«Ao fim de tantos anos de assinante do Famoso — que, aliás, sempre li com muito interesse — só agora começo a «encontrar-me»... Mas nunca é tarde, não é verdade? E, assim, enquanto Deus me der vida, a Casa da Gaiato e os seus «Batatinhas» jamais serão esquecidos.

Deus amou as crianças sem distinção de credos, raças ou cor. Perante Ele somos todos irmãos e credores dos mesmos direitos de Igualdade, Fraternidade e Amor. Onde estão?! Meu Deus, em que mundo vivemos!»

«Só ultimamente tenho lido O GAIATO e descoberto o seu significado: Sinal de Vida abre-se à contemplação do leitor e vem trazer-lhe a Paz que ele não encontra à sua volta; gosto pelo que nos traz da Mensagem de Cristo — sempre actual — e entrego-lhe o papel (sem alma) do dinheiro para ele fazer do papel de jornal um espaço de Vida e uma força invencível de caridade. Assim seja. Um sincero Amigo...»

«Segue anexo um cheque para os vossos rapazes.

Este dinheiro não é meu, foi deixado por uma amiga minha para os Pobres. E como a Obra da Rua é de pobres, eis o motivo que me leva a tomar esta atitude, oferecendo-o para sufragar a sua alma e ao mesmo tempo cumprir um desejo seu.

Agradeço o vosso jornal O GAIATO e o artigo em que diz «Cada Freguesia cuide

dos seus Pobres». É, de facto, um acordar tanta pessoa adormecida, inclusivamente a minha boa vontade que deverá ser posta à prova, vindo ao encontro de tanta pobreza escondida e envergonhada!

Pobreza não só por falta de dinheiro ou casa, mas por falta de quem fale e ensine as nossas mulheres a governar a casa, elaborar ementas de modo a que haja alimentação correcta, económica, poupando inteligentemente o dinheiro.

É dar um auxílio muito necessário, o empreendimento desta tarefa. Apareçam nas Paróquias «professoras» improvisadas de economia doméstica que organizem pequenos grupos de senhoras, em que cada dona de casa que viva desafogadamente, ou pelo menos viva com um razoável grau de amor aos Outros, dê o suficiente em pão e caldo um dia por mês para que o Irmão pobre não passe fome.

O Pobre é filho de Deus, o Pobre é Cristo, o Pobre será o que eu for. Como vou ser? «O que não me faz falta pertence aos Outros» — dizia um grande médico, há pouco falecido.»

«Faz agora dois anos que comecei a assinar O GAIATO.

Quando chega é um dia de muita alegria em nossa casa. Vou dizer-vos porquê: É que o lemos da primeira à última página e cada uma das notícias que lá vêm enchem-nos a alma de muita ternura. Como é diferente quando compramos os grandes periódicos! Tanta desolação, tanta desesperança e desamor — quanto desânimo também!

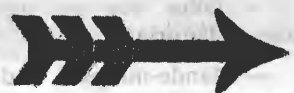
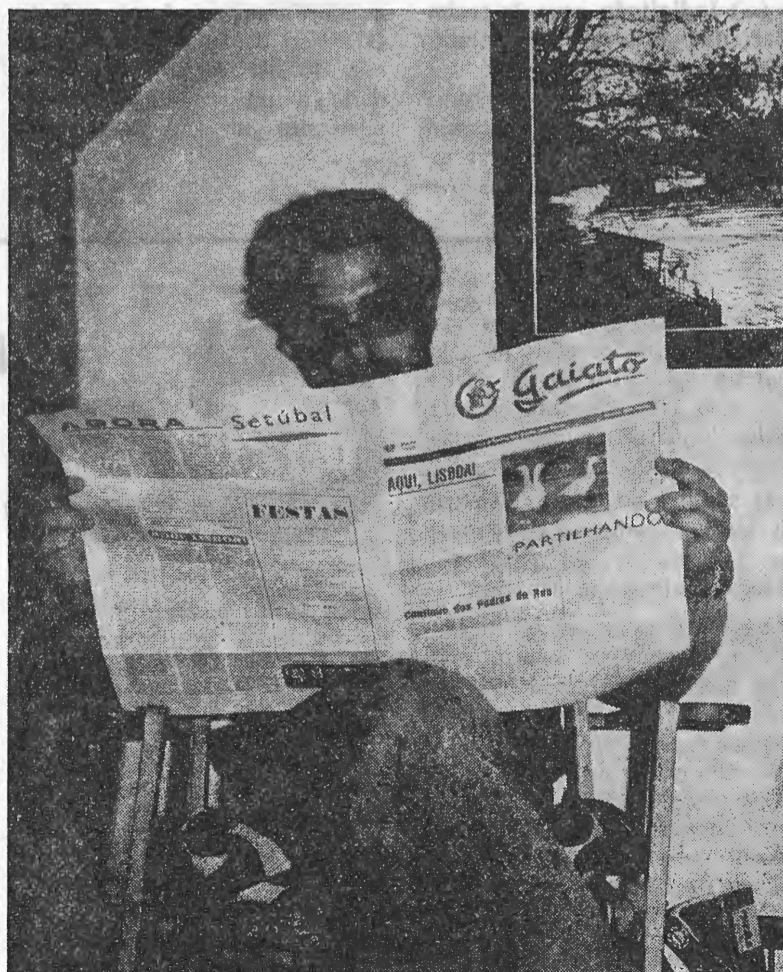
Muito obrigados vos ficamos

conheçam, mas com o tempo a sua expansão será ainda maior.»

«Estou em dívida com o meu querido O GAIATO de que sou assinante há 40 anos, sem nunca deixar de enviar a minha quota de assinatura.

Agora, porém, fui aposentada por falta de saúde e deixei-me atrasar nos meus deveres. Peço que me desculpem!

Já estou a querer endireitar a minha saúde e é com alegria que venho enviar um cheque de que consta o primei-



DOS LEITORES

OBRA DA RUA

«Não sei se lhes falaram do nosso Lar miniatura para crianças. Como dói ter de criar estas casas! Hoje, como nunca, vivo convosco e de vós, acreditem, porque, muitas vezes, o que me dá alento para caminhar, é a lembrança de frases magníficas, riquíssimas de conteúdo, que bebo sôfregamente nos vossos escritos!»

Pai Américo — que tive a dita de conhecer — procuro de algum modo segui-lo na pequenez do meu mundo e das minhas possibilidades e limitações.

Para quando a Verdade do Evangelho tornada vida de muitos, da maioria que diz segui-IO e servi-IO e vai apenas caminhando a servir-se?»

«Gostaria de vos enviar não dinheiro ou brinquedos, mas todo o amor e carinho que só um coração de mãe sabe transmitir aos seus filhinhos, do mais pequenino ao mais velho, pois o calor humano — que não tem preço — vale todo o ouro do Mundo.»

Assim como oro por vós todos, cada dia, com muito amor, peço para orarem por mim, que, estando muito doente, não sei se viveréi o suficiente para criar os meus filhos de 5 e 9 anos, ainda; assim como gostaria de ser vossa mãezinha e vos transmitir toda a ternura do meu coração, gostaria também que se lembrassem de mim.»

de jornal O GAIATO que, por vezes — e são muitas! — dá umas boas «chicotadas» no egoísmo e indiferença dos «privilegiados» e «senhores de berços de seda!» Só as suas «mígalhas» chegavam...

Não há como nascer, viver e ser pobre, para sentir bem os Pobres!»

«Mais uma vez agradeço a todos quantos trabalham em O GAIATO as mensagens de Paz, de Vida e de Amor que fazem chegar a nossas casas.

Em nossa casa saboreamo-lo, lendo, relendo, comentando e ruminando — passe o termo — aquilo que mais nos toca e deixa algo que alumie o tempo que nos resta do nosso peregrinar. Bem hajam!

Que o Padre Américo continua a ser, lá do Céu, o Pai dos Pobres — do corpo e da alma — não temos dúvidas. E damos graças ao Senhor por nos ter dado a fé para perceber que assim é, através da simplicidade e realidade das vossas notícias.»

«Hoje, quero partilhar convosco a alegria que me deu a notícia constante da circular da Aldeia da Paz, em Petrópolis (Brasil), de que junto fotocópia. Possivelmente não será novidade para vós.

E, desta vez, fala-nos nas «bodas de prata» do Padre José Maria! É gratificante ver como o vosso espírito de trabalho também influencia as Aldeias da Paz. É vermos como trabalham para as crianças abandonadas — e «deles, por eles e para eles».

Mais: O plano... e as oficinas de carpintaria, marcenaria, etc., tudo faz lembrar as Aldeias da Obra da Rua! Eu penso que podeis sentir-vos alongados, digamos assim, àquelas três Aldeias! Tudo a bem do irmão pequenino, desprotegido...

Alegremo-nos!
Que o Senhor abençoe todas estas boas Obras de Amor ao mais frágil.»

«Todas as noites, os dois rezamos para que haja mais vocações para a Obra da Rua. No mundo egoísta de hoje já vai sendo difícil encontrar quem queira trabalhar!

É pena, mesmo muita pena, que todas as pessoas não leiam e meditem, sériamente, em tudo quanto é dito no jornal O GAIATO! É todo ele uma verdade que poucas pessoas se apercebem disso.

A Obra de Pai Américo é muito mais do que dar casa e comida a umas tantas crianças infelizes. É pena não haver mais Casas do Gaiato para tantas crianças, meninos e meninas que põem em causa o futuro do nosso País e da nossa gente.»

«Sei que ainda estais com a alegria que o Natal vos deu. Congratulo-me com isso e peço ao Senhor que faça nas vossas Casas um Natal todos os dias nos vossos corações. Para os mais pequeninos — que não entendem esta linguagem — esforçai-vos para lhes dar o carinho e o amor a que eles têm direito e que não tiveram. É isto que, do coração, vos desejo.

Vendi a minha casa onde morei desde que casei. Vim para aqui e aluguei-a. Agora, a solução foi vendê-la, que o rendimento era pouquíssimo, não dava para viver. Do dinheiro que recebi venho partilhar con-

vosco. A casa que é um bem tão grande e que está inacessível para quase toda a gente menos favorecida!

Que esta pequena ajuda possa tapar alguns buracos dos nossos Irmãos que vos procuram.

Ainda não estou totalmente liberta como eu quero! Ainda só dou o que não me faz falta! Mas este dinheiro não me pertence — foi fruto de muito trabalho e sacrifício de meu marido. Uma prece para que goze das alegrias eternas.

Louvo o Senhor pelos vossos esforços em minorar a falta de amor que temos uns para os outros.»

«Estava na Igreja da minha terra e chegou ao pé de mim uma senhora relativamente nova, que vinha pagar uma promessa em velas e perguntou-me aonde era o altar da imagem...»

É claro, com toda a minha boa vontade guiei a senhora. Mas depois de analisar bem, acabei de ver que tudo aquilo não passava duma crendice. Então, tive com ela uma conversa demorada, até que cheguei ao ponto desejado. Disse-lhe:

— Sabe que Deus e o Seu Filho Jesus gostam muito mais de outras promessas...?

Ela pergunta-me quais.

— Repartir com aqueles que não têm, que precisam do nosso auxílio.

E falei da Obra da Rua. Lancei a semente. A senhora partiu, sem eu saber de onde era. Ontem procura-me para me entregar 1.100\$00 para a Obra do Padre Américo e que nunca mais se tinha esquecido...»

«Muito me pesa a falta de força moral para colaborar com eficácia e permanência na Obra admirável de Pai Américo! Tenho sempre presentes os seus primeiros passos, da-

dos na minha terra natal — S. Pedro de Alva.

Deus e a alma do santo Fundador estarão sempre ao vosso lado.»

«Li n' O GAIATO um artigo que me abalou a alma e vou mandar dois contos.

Eu sou uma mulher a dias e nunca tive férias, pois da vida só conheço o trabalho!

Gostaria tanto que Deus me desse a esmola da saúde para ajudar aqueles que são mais pobres do que eu!

Leio o meu jornal O GAIATO e depois levo-o para a Capela..., mas não comove as madames! Hoje é «salve-se quem puder»...! Isto entristece-me o coração!

Eu perdi a vergonha e dei a ler o livro Calvário a várias pessoas, algumas a viver em casas de novos ricos. Mas, é triste!, algumas não se comovem com nada! Era tão bom que Deus tocasse nesses corações duros...!»

As nossas Edições

«Umhas breves linhas para acusar a recepção dos livros Pão dos Pobres, 1.º, 2.º e 3.º volumes.

Obrigado pela confiança que depositam em mim e pela oportunidade e satisfação que me deram de «saborear» a sua leitura mesmo antes de os pagar!

Desculpem ser tão pouco! Logo que me seja possível, volto com novo vale.

Digo que já «devorei» os dois primeiros volumes e vou no meio do 3.º. Que bom tornar a «ouvir» o nosso Pai Américo e sentir o Evangelho vivo!»

«Continuo a maravilhar-me com a leitura sempre desejada do nosso jornal O GAIATO. É o único que leio e a única assinatura que possuo, porque ambas são as únicas que me agradam. É que Deus está vivo e actuante no meio de nós. Uma das formas de O vermos e sentirmos é a vossa Obra e sermos também, de alguma forma, Seus instrumentos junto dela.

Só me falta ler o Porta Aberta. Quando for impresso enviem-me um exemplar. Como tem acontecido com todas as outras obras, elas são testemunhos que convêm realçar.

Este dia também é muito especial para mim, pois vou casar. Sinto-me muito feliz ao

dar-vos notícia deste acontecimento. Mais um casal cristão vai surgir e esperamos que Deus nos ajude muito, como nos tem ajudado até hoje.»

«A leitura de O GAIATO e dos livros do Padre Américo é, para mim, alimento espiritual indispensável desde há muitos anos. Tenho sempre a minha mesa de cabeceira fornecida, pois é à noite, já na cama, que me sabe bem ler e meditar.

Depois de um dia de labor e vida agitada, como me sabe bem — repito — abrir a minha alma e o meu coração a tão inquietante leitura!»

«Recebi o último livro que editaram, do Padre Américo. Foi mais uma lição que recebi! Só me dói muito que tudo que o Padre Américo nos diz, daquele tempo, continue profundamente actual: injustiça dos homens, falta de amor de nós, os cristãos — um mal que continua e há-de continuar para mal de toda a Humanidade!

Peço uma oração por mim, para que seja ainda mais desprendida dos bens terrenos. Ainda não consigo, de todo, deixar de parte essas «coisinhas» que fazem com que não nos lembremos que muitas famílias continuam a viver sem os bens

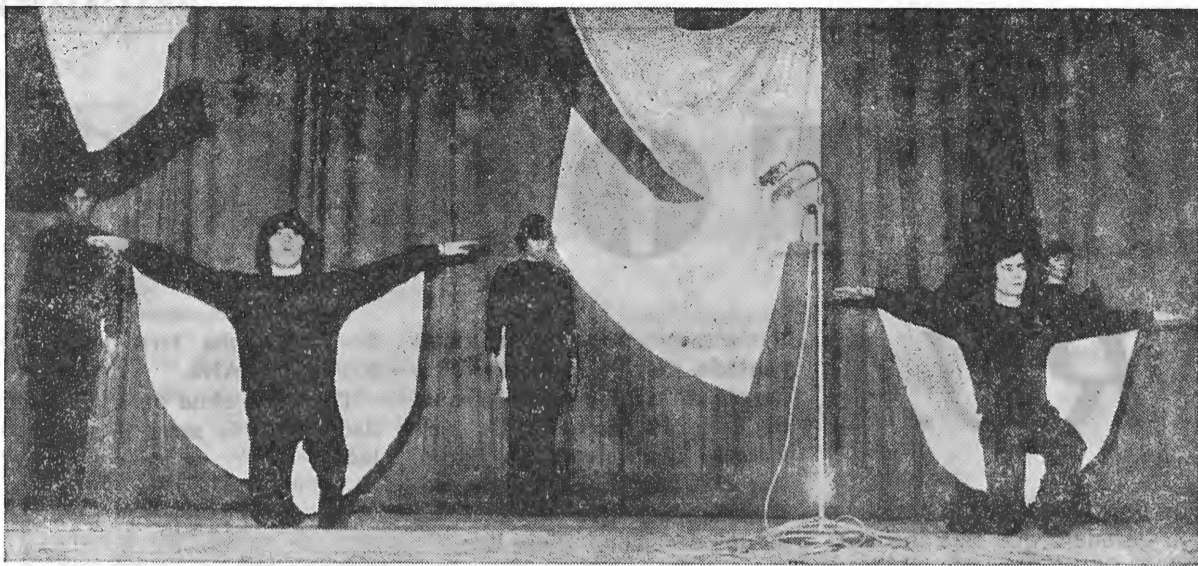
mais essenciais. Repito isso, vezes sem conta, a minhas filhas, para que saibam ver o valor das coisas. Por isso, talvez, quando alguém lhes dá dinheiro, logo mo entregam, dizendo para eu o guardar para o que for preciso — nunca para elas. Por elas também — para que saibam ser humildes — peço uma oração.»

«Possuo todos os livros de Pai Américo. Mas quando algum me surge em nova edição, é recebido com a mesma alegria e lido com a mesma ansiedade — como se às mãos me viesse pela primeira vez. Só neles encontro conforto moral, fazendo deles, também, a minha oração da noite.

Fazem bem à minha alma. Ensinam-me a amar os que sofrem e a sofrer mais resignadamente.

Só tenho pena que esses livros não sejam lidos pelos que se julgam «grandes» e que tanto esquecem os que eles julgam «pequenos» e a quem só procuram escravizar. Sofro muito por ver este Mundo tão perturbado, tão cheio de egoísmo, tão afastado dos ensinamentos de Jesus!

Que Deus ilumine os homens para o bem e nos dê um Mundo melhor, onde todos nos amemos fraternalmente.»



FESTAS

A volta começa, no próximo mês, em Famalicão — Vila onde o trabalho é mola real! Vamos a Braga antes da Semana Santa, braço-dado ao velho Amigo sr. Palha — mantém uma juventude d'alma! — que se dispôs a tocar o sino, mais uma vez, para que os Amigos da Obra da Rua não faltem no Cinema S. Geraldo.

Depois, rodados e quentes

pela amizade dos minhotos, temos a grande noite no Coliseu do Porto — um mundo de gente, d'almas a ferver! Ainda agora recebemos novo telefonema do Porto, um pai aflito com a idade do filho mais pequenino:

— Ele só tem 6 anos...! Poderá ir connosco à Festa? Queríamos ir todos...!

— Em todas as plateias há lugar para maiores de 6 anos...

O Coliseu ainda não tinha pronta a colecção dos bilhetes e já eram procurados no Espelho da Moda à rua dos Clérigos 54 — o nosso Depósito! Uma procissão de torcedores levou-nos expressamente à cidade, tratar dos bilhetinhos — fornecidos pelo Coliseu — para satisfação dos tripeiros!

Até ver, mais dois pontos de peregrinação obrigatória: Aveiro e Amarante.

Em terras banhadas pela ria, como habitualmente, poucos dos melhores Amigos ficarão em casa; alguns de bem longe — sem olharém a sacrifícios! A verdade é que a nossa Festa, no Teatro Aveirense, tem um crescente valor espiritual.

E os nossos vizinhos d'Amarante — gente de rija tempera, moldada nas belezas naturais do Marão — com certeza não deixarão de marcar a presença de sempre.

Enfim — o espaço não dá para mais! — observamos, nos bastidores, que o programa é um bom aperitivo, ou os ensaios não tivessem começado pela melhor parte: os «Batatinhas» — reis da Festa!

Júlio Mendes

ABRIL

2, às 21.30h — Cine-Teatro Augusto Correia
V. N. FAMALICÃO

Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro Augusto Correia

4 " " — Cinema S. Geraldo — BRAGA

Bilhetes à venda: no Cinema S. Geraldo e Rua Santa Margarida, 8

5 " " — Coliseu do PORTO

Bilhetes à venda: no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54, telefone 23981/2; e bilheteiras do Coliseu do Porto, telef. 25196.

10 " " — Teatro Aveirense — AVEIRO

Bilhetes à venda: no Teatro Aveirense

MAIO

2, às 21.30h — Amarante Cine-Teatro
AMARANTE

Bilhetes à venda: no Amarante-Cine Teatro.

Faz agora 40 anos...

Cont. da 1.ª pág.

tornar cada vez mais fixa a cor da nossa bandeira: «Obra deles, por eles, para eles».

Nós vimos tratando de uma questão tão séria que a não podemos deixar por mãos alheias. Nunca nenhum Deputado da Nação bradou tão alto nas Cortes, como o faz hoje o pequenino vadio a chamar às armas para o defenderem, e aos seus companheiros, aqueles portugueses que já há muito as deviam ter brandido a bem deles e da Nação.

Vamos principiar o (41.º) ano da sementeira. Que as almas de boa vontade o recebam, como fizeram (desde o) primeiro — e isso nos basta.

P. Américo

N. da R. — Eis a nota festiva do primeiro aniversário

d'O GAIATO. Hoje com o mesmo vigor, beleza e oportunidade!

Pai Américo entre nós, com o fulgor da primeira hora!

Sabe tão bem vê-lo e ouvi-lo assim, aqui, no seu Famoso — no meio de nós — com temas d'ontem sempre actuais!, adubados na Mensagem transmitida pelo Mestre que serviu, até ao heroísmo, na pessoa de todos nós — e já somos milhares!

Sabe tão bem recordá-lo, ouvido atento, d'alma aberta, com a serenidade das horas grandes!

A verdade é esta: qual o filho que, em dias de festa, esquece o Pai — os Pais!?

Com mais razão nós outros — «Lixo das ruas» — alguns dos quais tampouco sabemos dos progenitores e que não seríamos nada se não fora Pai Américo — a Obra da Rua!

O GAIATO foi o seu diário, as contas do seu rosário; ditos como só Pai Américo sa-

bia, num estilo muito peculiar. Oh! palavra ensanguentada na Miséria imerecida; ora rude, ora humorada, sempre limpa, contundente — a ferver em cachão!

LUME VIVO

Cont. da 1.ª pág.

nhoras, os obreiros e um jornal que sai todas as quinzenas.

Não tenhamos medo de encarar, de frente e corajosamente, o caminho da Pobreza evangélica e do amor fraterno.

Ai de nós, se por nossa culpa o lume apagar!

Não queremos.

Tenhamos fé e muito amor — e o Senhor aplanará, também, os nossos caminhos.

A grande Família, «de dentro» e «de fora», todas as quinzenas, pelo nosso «Famoso», unida e operante — em comunhão de vida.

Padre Telmo

Um encontro

Sim, um instantâneo de luz a assinalar a presença desta cidade «de muitas e desvairadas gentes» no aniversário d'O GAIATO.

Não sei quem o baptizou de Famoso; mas talvez que esse padrinho ou madrinha tenha proferido o nome pela espontânea necessidade nascida da satisfação de contemplar um gesto de grandeza de alma, dos muitos que enchem as colunas do jornalzinho — que não só de miséria e da sua denúncia ele é feito! Famoso pelo seu dinamismo que contagia para o Bem, rasgando os horizontes mesquinhos deste Mundo para os abrir ao Infinito que é a dimensão de tendência do Homem, só ela capaz de modelar nele a imagem autêntica de Deus. Felizes os que têm olhos e vêem!

Que não houvesse nesta edição outros títulos a justificar o título de Famoso..., este encontro o justificaria. Foi num recanto penumbroso de uma igreja de Lisboa, igual a vários outros tidos ao longo de quase quatro dezenas de anos. Um sinal combinado deu-nos a conhecer. Que eu já a conhecia desde a notícia do primeiro en-

contro, posto nunca nos tivéssemos visto nem fosse agora capaz de a reconhecer à luz meridiana do sol que ilumina tanta banalidade!

Em acto que se cumpre num instante, tão discreto quanto quem o fez, é-me passado para as mãos um embrulhinho. «Sempre vivi sem que nada me faltasse; mas foi-me ensinado, desde tenra idade, o bom sabor de nos privarmos quando assim podemos mitigar a privação de alguém».

Depois, como quem tem pressa e tem, com certeza, o pudor de palavras inúteis à eloquência própria da missão cumprida, despediu-se e foi... Fomo-nos, cada um à sua vida.

As ruas da cidade estavam cheias de sol aquela tarde. Mas eu caminhava a outra luz. Uma luz que ficou acesa, que é e nenhum poder do Mundo pode apagar jamais.

Felizes os Autoconstrutores que, daquele embrulhinho, vão receber telhas mandadas do Céu!

Feliz quem só de LÁ terá a sua recompensa de bem-mandado!

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

O GAIATO vai fazer anos. Há festa em muitos milhares de corações ansiosos por cada número que chega e fala a cada um. Mensageiro de bem que inquieta e também traz paz.

Hoje, dia em que os nossos rapazes já deviam andar nas ruas com a edição anterior, O GAIATO ainda não chegou à estação dos caminhos de ferro...! O Miguel — que nos disse ser a venda do jornal o seu maior gosto na vida — vem queixar-se que depois não tem tempo... O Miguel é um dos apaixonados. Eu também sou! Quero partilhar com todos

a paixão dos nossos vendedores: São os vossos mimos. São as vossas prendas. São as coisas boas que eles trazem nas sacas. São os recados. São as cartas «para entregar ao senhor padre». São todas as coisas que fazem comunhão de vida.

Ainda ontem chegou segundo recado de senhora amiga a pedir mais dez exemplares! O GAIATO trazia doutrina tão importante e tão actual — que ele é necessário a toda a gente. É O GAIATO que Pai Américo quis que fosse sempre: Revolucionário do Amor!

Padre Horácio

CALVARIO

Cont. da 1.ª pág.

ninguém a quer no meio onde vive. Anda por lá causando receios e temores fundados.

O mundo dos abandonados parece cair aqui todo! Este chegar de aflições repete-se todos os dias! A bola de neve cresce. A sociedade actual vai-a tornando cada vez maior. Poucos se dão conta! Eu começo a sentir-me cilindrado por ela!

O problema, que estas situa-

ções traduzem, é demasiado profundo. Ele passa por uma definição, em termos práticos e consequentes, do que é uma verdadeira sociedade, em que todos tenham lugar como membros autênticos.

Não creio que sejam medidas supletivas, mesmo as estatutais, as que irão resolver o problema. Ele subsistirá enquanto a família continuar a transferir as suas responsabilidades e a sociedade em geral não se assumir plenamente, sobretudo em favor dos mais fracos e débeis.

Padre Baptista



Director: Padre Telmo
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas escolas: Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Fevereiro: 50.798 exemplares.